

SIGNIFICADO E EVIDÊNCIA: UM DEBATE ENTRE QUINE E DAVIDSON

Debora Fontoura de Oliveira¹

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo apresentar a oposição entre Willard V. O. Quine e Donald Davidson acerca da noção de significado e evidência. Para Davidson, Quine oscila em seus escritos ao estudar significado e evidência entre duas teorias a que ele denominou de teoria proximal e teoria distal. A primeira, que pode ser considerada como a posição oficial de Quine, defende que os significados e as evidências possuem ocorrência na superfície da pele do falante. A segunda, a teoria alternativa a que Davidson denominou de distal, assegura que há uma causa comum externa ao falante, tomada não somente por este, mas pelo intérprete conjuntamente. Para responder a essa crítica, Quine parece afirmar que a sua posição não é só proximal ou distal, mas intermediária a elas. A alternativa que ele tenta sustentar é que entre falante e ouvinte deve haver uma “concordância preestabelecida” - *preestablished harmony* - de padrões de similaridade perceptual independente de semelhança intersubjetiva de receptores ou sensações. Dessa forma, na primeira seção do artigo apresenta-se a posição de Davidson e a sua crítica a Quine; para então, na segunda seção, expor a posição de Quine.

Palavras-chave: Davidson. Quine. Significado. Evidência.

INTRODUÇÃO

A posição filosófica de Willard Van Orman Quine intercede a favor de uma proposta empirista que defende duas teses centrais: (1) qualquer evidência que existe para a ciência é evidência sensória; (2) qualquer indicação de significado das palavras deve apoiar-se em última instância sobre evidência sensória². Sendo assim, os inquietamentos de Quine se voltam para questões como: “Como as teorias falam acerca do mundo?” ou “Como o homem adquire a linguagem teórica?”. Seguindo esses questionamentos é possível sustentar que Quine parece defender que antes de introduzir-se propriamente nos problemas

¹Doutoranda em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Contato: debbyfontoura@gmail.com

² QUINE, 1969, p. 75.

epistemológicos é necessário voltar-se para a linguagem, pois, é a partir dela que seria possível responder a questões básicas, para assim, se chegar a uma resposta ao problema epistemológico central: “Como são construídas as teorias acerca do mundo?”.

É em meio a esse contexto que o debate entre Davidson e Quine se solidifica. Davidson parece defender a opinião de que a questão de “como a linguagem funciona” não possui uma ligação especial com a questão de “como o conhecimento funciona” e por essa razão é necessário clarificar a diferença que há entre considerar evidência e significado e, principalmente, esclarecer “onde” está o conteúdo dos pensamentos. O trabalho de Davidson leva por fim a dissolução entre questões de significados e questões de evidência de Quine. Assim, para poder visualizar melhor como essa crítica se desenvolveu, este artigo dividir-se-á em duas seções: a primeira tratará especificamente da crítica de Davidson a Quine, apresentando os argumentos utilizados por ele contra a teoria proximal do significado e da evidência, será exposta, conjuntamente, a sua teoria alternativa, a distal, proposta para não incorrer nos problemas encontrados em Quine; por fim, a segunda seção propõe apresentar uma possível resposta de Quine as observações feitas por Davidson.

1. A CRÍTICA DE DAVIDSON A QUINE

A doutrina filosófica de Quine propõe que significado e conteúdo estão intimamente ligados ao incitamento de nervos sensoriais, ou seja, significado, referência e crenças dependem de formas de estimulação. Para Davidson, essa dependência de significados e crenças sobre estimulações é o que garantia a Quine um lugar entre os empiristas, pois essas seriam as únicas evidências que o homem poderia possuir. Porém, Quine não especifica o que sejam estas estimulações e nem “onde” elas se encontram. Por essa razão, Davidson questiona, em seu artigo *Meaning, Truth and Evidence* (1990), se Quine, em sua doutrina, possuiria um conceito de evidência que legitimaria a idéia de um conhecimento³.

De acordo com Davidson, nos escritos de Quine não é possível encontrar algo que possa realmente servir como evidência, uma vez que há situações que sugerem remeter as sensações experienciadas, e em outras, a existência de um objeto comum. Contudo, o que fica claro para Davidson é que a linguagem para Quine é aprendida ao relacionar termos linguísticos a observações, todavia é o termo “observação” que deve ser esclarecido. Essa vagueza acaba obscurecendo não somente a posição empirista a que Quine defende, mas principalmente, traz confusões para a sua proposta semântica.

3 DAVIDSON, 1990, p. 69.

Em seu livro *The Roots of Reference* (1974) Quine assume que há dificuldades acerca da noção de observação. O que deve ser feito, segundo ele, não é falar de sensações nem de situações ao redor, mas de linguagem, isto é, de sentenças observacionais⁴. A partir disso, o que garante a possibilidade de estudar o âmbito epistêmico pela linguagem, segundo Quine (1974, p.37), é “que nós podemos estudar palavras mais responsabilmente do que idéias, (...) pois, nós aprendemos a linguagem ao relacionar seus termos as observações que são estimuladas a partir delas”.

Dessa forma, nota-se que o empirismo de Quine não faz referência especificamente a observações, mas a sentenças observacionais. Entretanto, é sobre as sentenças observacionais que se encontram muitas críticas ao sistema filosófico quineano, incluindo a de Davidson. O que acontece é que Quine oscila entre diferentes definições de sentenças observacionais. Estas, como Davidson nota, não devem ser reportadas as observações, elas não são sobre sensações ou experiências, mas sobre os objetos os quais são ocupantes da teoria do mundo⁵. De acordo com Davidson, Quine não respondeu a questão em que consiste a evidência da qual a teoria do mundo depende, ele não descobriu o que é que suporta a teoria e dá as sentenças o seu significado. Esta resposta poderia estar contida na definição de sentença observacional, porém Quine não é muito coerente ao defini-la⁶.

Assim, é sobre essa vagueza acerca da definição de sentença observacional que Davidson situa a sua crítica, pois uma das posições que Quine assume trata de sentenças observacionais a partir de um critério causal comum e a outra posição coloca como critério a estimulação dos receptores sensórios, o que torna sua posição confusa. As estimulações sensórias, é claro, possuem um papel central nas declarações de significado e evidência, porém Quine não especifica que papel é esse e, isso faz com que não seja possível saber exatamente qual a natureza de seu empirismo. Por isso, Davidson afirma que é necessário dar uma descrição de “como” estimulações sensórias determinam o significado e o conteúdo de sentenças observacionais. Ele reconhece a fragilidade do discurso sobre estímulos de Quine para a fundamentação da semântica naturalista, e ainda sugere seu abandono em favor de um discurso sobre “eventos, objetos ou situações” que causam assentimentos ou dissentimentos nos falantes⁷. Davidson considera problemática a posição de Quine pela dificuldade que ele tem em definir as sentenças observacionais por meio da noção de “equivalência de

4 QUINE, 1974, p. 39.

5 DAVIDSON, 1990, p. 70.

6 Ibid., p. 70.

7 Ibid., p. 71.

estímulos”.

O argumento de Davidson contra Quine é posto no problema da locação de um estímulo em sentenças observacionais. Davidson diz que Quine não determina se eles repousam nos receptores sensórios ou nos objetos e eventos do mundo, não possibilitando uma determinação do significado e das evidências⁸. Sendo assim, as estimulações sensórias não podem ser ditas como evidências, nem podem provar a evidência, dado que na teoria de Quine parece não haver propriamente nada que possa ser considerado como evidência.

Para melhor esclarecer seus argumentos na crítica a Quine, Davidson faz uma distinção entre duas teorias sobre o significado e a evidência: a proximal e a distal. Segundo Davidson, a locação dos estímulos é notoriamente ambígua nos estudos de Quine, pois ele oferece duas escolhas quanto à locação: uma delas é sobre os receptores sensórios – teoria proximal -, e a outra é sobre objetos e eventos compartilhados publicamente – teoria distal -. Ao observar essas duas teorias não se sabe mais em que sentido deve-se considerar o significado e a evidência, se distal ou proximal. Davidson acredita que falar de estimulações das terminações nervosas de indivíduos seja recair no antigo problema do solipsismo⁹, que desemboca no ceticismo acerca do conhecimento. Desse modo, a única solução seria voltar-se aos objetos acessíveis publicamente ao invés de estímulos sensórios.

1.1 Crítica a teoria proximal

Na maioria dos escritos de Quine encontra-se claramente uma defesa a teoria proximal, esta parece ter sido a oficialmente defendida por ele. A teoria proximal defende que as sentenças possuem o mesmo significado se elas possuem o mesmo *stimulus meaning*¹⁰, isto é, se a mesma forma de estimulação incita assentimento e dissentimento.

No entanto, Davidson acredita que seguindo a teoria proximal podem ocorrer erros quanto ao reajuste sensório ocasionado por problemas como o astigmatismo, surdez, etc. O que Davidson quer mostrar é que a teoria proximal não possui, nem dá a garantia de uma

⁸ DAVIDSON, 1990, p. 72.

⁹ Solipsismo é uma doutrina filosófica segundo a qual a única realidade no mundo é o “eu”.

¹⁰ *Stimulus meaning* – significado de estímulo – é o conceito semântico fundamental em Quine, e é definido em termos de 'estimulação', ou seja, é concebido como um par ordenado, composto por disposições a assentir ou dissentir uma sentença em consequência a uma estimulação presente, e é o que ativa a disposição, não o que a instaura. Deve-se conceber a estimulação não como um dado acontecimento particular e precisamente fechado, mas sim, como um universal, uma forma de evento que é repetível (WO, 1960, p. 33).

intersubjetividade. O que ele acentua é que a posição assumida pela teoria proximal não garante a visão de um mundo público, posto que, cada falante pode estar satisfeito com a sua visão, considerando-a como a única verdade, desde que esteja de acordo com todas as suas estimulações e, que globalmente os outros podem estar errados¹¹.

Para Davidson, esta posição proximal remete a uma forma de ceticismo, um ceticismo acerca dos sentidos. A razão para isso é que o ceticismo repousa sobre a apropriação, não de dados dos sentidos nem de reducionismo como Quine muitas vezes acentuou, mas sobre a idéia mais geral de que o conhecimento empírico solicita um passo epistemológico entre o mundo como ele é e a concepção que se tem dele. E esta parece ser a idéia central da teoria proximal de Quine¹². Ou seja, a proposta naturalista¹³, que Quine concebe em seu sistema filosófico, apela para a ciência como ela é conhecida, e se a teoria proximal é parte da ciência, então a ciência mostra que é possível não ter nenhum fundamento para dizer que a teoria do mundo de um falante é melhor do que a teoria do seu vizinho¹⁴. Uma saída possível para o ceticismo seria conceber a verdade como imanente, porém, o que ocorreria seria uma relativização da verdade de indivíduo a indivíduo, posição essa a que Quine se opõe. Assim, como Davidson exemplifica, poderia ocorrer uma situação em que duas pessoas possuem os mesmos stimulus meaning, de acordo com a teoria proximal, por todas as suas sentenças e ainda, ocorrer que a mesma sentença é verdadeira para uma dessas pessoas e, sob as mesmas circunstâncias externas, ser uma sentença falsa para a outra¹⁵.

O problema de Quine, em sua teoria proximal, é assegurar que o papel das estimulações sensoriais, definidas em stimulus meaning, é o caminho para ligar significado e evidência. Segundo Davidson, a base de significado sobre evidência, entendida como estímulos sensoriais nos receptores, é necessariamente onde repousam as dificuldades da teoria proximal, pois acaba incorrendo em relativização da verdade e ceticismo¹⁶.

1.2 A Teoria Alternativa de Davidson

Desta forma, o objetivo de Davidson, em *Meaning, Truth and Evidence*, é fazer com

11 DAVIDSON, 1990, p. 74.

12 DAVIDSON, 1990, p. 74.

13 Naturalismo: propõe aplicar a todas as disciplinas filosóficas a metodologia das ciências naturais, isto é, estudar as disciplinas filosóficas com o mesmo ânimo que anima a ciência.

14 DAVIDSON, 1990, p. 74.

15 DAVIDSON, 1990, p. 75.

16 Ibid., p. 76.

que Quine visualize mais sobre a sua posição central e pense melhor acerca de sua teoria do significado. Para isso ser possível, Davidson apresenta a teoria distal como uma alternativa para não incorrer nos problemas que são ocasionados com a proximal. Além disso, Davidson encontra passagens nos trabalhos de Quine que parecem já propor essa nova teoria e que ainda sugerem o abandono da teoria proximal.

A teoria distal de significado e evidência propõe que os eventos e objetos que determinam o significado de sentenças observacionais e produzem uma teoria da evidência são os muitos eventos e objetos que as sentenças naturalmente e corretamente interpretam. Isto é, a teoria distal depende de causas compartilhadas, as quais são salientes para o falante e para o intérprete. Significados são compartilhados quando eventos, objetos ou situações idênticas causam ou causariam assentimento e dissentimento¹⁷.

Esta proposta distal, segundo Davidson, já aparece nos escritos de Quine como em *The Roots of Reference* (1974) e também em *Ontological Relativity* (1969), como quando ele afirma: “A criança e o pai devem ambos ver vermelho quando a criança aprende „vermelho. e um deles deve ver também que o outro vê vermelho ao mesmo tempo”¹⁸. Esta passagem assegura que ambos, pai e criança, devem estar vendo algo público que seja vermelho. Assim, a teoria distal propõe que o estímulo não esteja sobre ou no sistema nervoso, mas deve ser algo compartilhado externamente. Ou seja, a teoria distal conecta significado diretamente as condições que tornam as sentenças intersubjetivamente verdadeiras ou falsas. Isso quer dizer que a diferença entre ambas, distal e proximal, é uma questão de locação apropriada dos fatores causais relevantes, procurando encontrar um local epistemológico¹⁹.

Dessa forma, o que Davidson propõe com a sua teoria alternativa não é negar o papel causal dos sentidos, pois a distal é tão causal quanto à proximal, a diferença está que o estímulo que é agora compartilhado é distal, pois formam pontos fixos, o que a estimulação pelos órgãos dos sentidos não faz. As relações causais propostas pela distal são frequentemente evidentes a outros e assim, formam a base da comunicação.

O que a teoria distal do significado faz é remover dos órgãos dos sentidos, das suas atividades e manifestações imediatas, tais como sensações e estimulações sensoriais, a importância teórica central de significado e do conhecimento. As causas externas ao falante é que importam diretamente ao significado, e assim devem ser tomadas e avaliadas por um intérprete conjuntamente. Ou seja, Davidson com a teoria distal sugere que o intérprete

17 DAVIDSON, 1990, p. 73.

18 Cf. QUINE, [1974, p. 39; 1969, p. 87].

19 DAVIDSON, 1990, p. 76.

correlacione suas próprias respostas e as do falante pela referência a causas mutuamente salientes no mundo do qual eles falam. A teoria distal do significado é melhor que a proximal, pois ela explora o papel ativo do intérprete e confirma uma intersubjetividade na linguagem.

2. UMA POSSÍVEL RESPOSTA DE QUINE A DAVIDSON

Quine após este artigo de Davidson, no mesmo livro *Perspectives on Quine* (1990), faz um pequeno comentário. Ele afirma concordar com as observações de Davidson, porém assegura que a sua posição não é proximal nem distal, mas é intermediária a elas. Em seguida, indica seu artigo *Three Indeterminacies* (1990) como uma possível resposta as objeções feitas por Davidson²⁰.

Nesse artigo Quine reforça a idéia de que não é possível fazer uma análise de termos observacionais, pois alguns proferimentos que registram observação não são termos, como por exemplo, “Está chovendo” ou “Está nevando”. Dessa forma, ele propõe desviar-se de termos observacionais para falar de sentenças observacionais. Sendo assim, as palavras que antes designavam termos, como “pedra” ou “estaca”, devem, agora, serem tratados como sentenças de uma palavra²¹.

Além disso, deve-se ressaltar que quando Quine fala de “observação” ele fala de um modo indireto, pois o que serve de evidência não é a observação, mas as sentenças observacionais, que reportam a observações, mais especificamente ao comportamento. O problema da observação está em ser concebida como algo subjetivo, pois elas são visuais, auditivas, táteis, olfativas; Quine pensa que ao deixar de falar de observação para falar de sentenças observacionais não se faz mais referência a sensações privadas.

As sentenças observacionais, então, assumem um papel semântico e evidencial, elas são o caminho de entrada tanto para a linguagem quanto para a ciência. Assim, as sentenças observacionais tratam não de sensações, de *sense data*, mas de comportamento, visto que admitem verificação pública. O que seria “observável” para Quine seria algo atestado sobre um lugar, por alguma evidência em comando da linguagem e seus cinco sentidos. O que ele quer afirmar é que as sentenças observacionais, ainda em seu último sentido, são reportadas não somente de dados dos sentidos, mas também de circunstâncias externas comuns e comportamento. A sentença observacional, de acordo com Quine, possibilita a aprendizagem da linguagem sem a ajuda de uma linguagem anterior. Ela é uma sentença ocasional em que

20 Ver comentário de Quine [Comment on Davidson], 1990, p. 80.

21 QUINE, 1990, p. 01.

os membros da comunidade podem fixar por observação direta em satisfação conjunta²².

O que Quine parece fazer é reconciliar as duas teorias, distal e proximal. No entanto, ele ainda persiste que um caráter mais proximal é essencial para se obter significados e talvez possibilitar uma tradução radical sem incorrer no problema da referência²³. Pois, por exemplo, um linguista tenta encontrar sentenças observacionais de uma linguagem nativa com sentenças observacionais de sua própria língua as quais teriam os mesmos *stimulus meaning*²⁴.

Quine considera válidas as observações feitas por Davidson, pois é possível se questionar acerca de “como” duas pessoas que não compartilham os mesmos receptores podem compartilhar a mesma estimulação. Isso levaria a uma espécie de concepção de estímulos como sendo privados, pois cada percepção seria sentida somente pela pessoa. Então, como saber que o outro está compartilhando a mesma percepção?

Uma das possibilidades seria sugerir que ambos possuem receptores homólogos (como Quine destacou em *The Roots of Reference*), apesar de que não há receptores exatamente homólogos se consideradas às minúcias anatômicas. Entretanto, não há problemas, pois não se equaciona estimulações entre pessoas, mas para uma única pessoa, dado que a equivalência das sentenças ocasionais baseia-se na mesmidade e na diferença de estimulações só desta pessoa. A subsequente soma que é requerida para se obter à sociedade faz apelo à equivalência cognitiva para cada pessoa em separado, sem nunca equacionar as estimulações entre pessoas, observa-se somente o comportamento público de cada uma delas.

Quine, ainda neste artigo, declara que o que Davidson quer é fornecer semelhança intersubjetiva de estimulação pela localização do estímulo, não estando esse mais localizado na superfície corporal, mas fora dela, compartilhando a mesma causa do comportamento de dois sujeitos. Porém, Quine parece não mudar de posição ao localizar estimulações sobre “input neural”, ele expõe a Davidson que sua preocupação não é linguística como Davidson argumentava, mas epistemológica, pois o que ele quer fazer é fluir de evidências vindas dos sentidos para declarações da ciência²⁵. Além disso, as sentenças observacionais constituem informações não somente de dados dos sentidos, mas também de circunstâncias externas correntes. Muitas das sentenças observacionais são aprendidas por condicionamento direto a estimulação sensorial e todos podem condicionar-se deste modo²⁶.

22 QUINE, 1990, p. 02.

23 A inescrutabilidade da referência, ou seja, a impossibilidade da referência ser determinada e estudada.

24 QUINE, 1990, p. 02.

25 Ibid., p. 03.

26 QUINE, 1990, p. 03.

A posição assumida por Quine afirma que “o que há” são somente fatos, e esses somente podem ser entendidos pelo comportamento não sendo possível exigir mais a percepção de um significado do que uma pessoa equipada adequadamente para aprender e observar. Isso leva a entender que todos os falantes devem compartilhar o mesmo padrão perceptual.

Todavia, o que Quine quer assegurar é um reconhecimento de semelhança intersubjetiva de estimulação a partir de uma “concordância perceptual” e que esta é uma via aceitável, melhor do que simplesmente não utilizá-la²⁷. Se a questão posta por Davidson era a de “como significados são determinados”, a resposta de Quine parece ser dada por um passo intermediário a elas, não distal nem proximal. Pois, qualquer diferença que haja entre essas concepções, o que deve ser mostrado é quando sentenças – a mesma ou diferente – tem o mesmo significado para duas pessoas, isto é, o mesmo *stimulus meaning*.

É possível dizer, como Quine, que a noção de observação é social e a definição comportamental se baseia em semelhanças entre *stimulus meaning* considerados em toda a comunidade²⁸. Sendo assim, o que flutua em ar aberto é a linguagem comum observada socialmente, na qual cada um é livre a internalizar em seu caminho neural próprio. Desse modo, a linguagem é o único meio em que se movimenta intersubjetivamente e as sentenças observacionais são os pontos de verificação a partir da observação do comportamento²⁹.

Essa posição de Quine parece se confirmar em seu artigo *Progress on Two Fronts* (1996), no qual ele acentua a idéia de concordância preestabelecida - *preestablished harmony* - entre falantes. Nesse artigo Quine demonstra seu desconforto com as posições que parecia assumir na proximal em *Word and Object* (1960) e na distal em *The Roots of Reference* (1974). No entanto, ele sugere não ver nenhum passo a mais a ser tomando, mas somente esclarecer alguns detalhes cruciais que ele tem modificado em sua doutrina. Quine continua a apontar problemas tanto com a teoria proximal – de receptores sensoriais – quanto com a distal – objetos externos - e, para solucionar isso, ele reforça a noção de *preestablished harmony*. Essa noção implica uma concordância preestabelecida de padrões de similaridade perceptual independente de semelhança intersubjetiva de receptores ou sensações, e está entre a semelhança perceptual e o ambiente³⁰.

Quine ainda garante que essa concordância é necessária não somente com respeito à

27 *Ibid.*, p. 03.

28 QUINE, 1960, p. 44 – 46.

29 QUINE, 1990, p. 04.

30 QUINE, 1996, p. 160.

tradução em uma mesma língua, mas também com respeito à proferimentos em uma tradução de uma língua a outra. Neste último artigo, *Progress on Two Fronts*, Quine conserva a noção absoluta de uma sentença observacional como simplesmente uma sentença ocasional que dirige o assentimento imediato de um sujeito, por mais falível e revisável que seja³¹. Assim, todas as sentenças observacionais são holofrásticas³² em sua associação a estimulação, ou seja, o assentimento a elas é imediato. Dessa forma, Quine afirma que as sentenças observacionais permanecem sobre sua antiga definição e seu antigo papel, e são como condicionais em “categóricos observacionais” - os quais são os pontos de verificação da ciência e uma possível solução ao problema da gênese da comunicação³³.

Para Quine, uma criança, por exemplo, não apenas ouve a sentença, vê o objeto ou evento reportado, e associa os dois; mas ela também nota a orientação do falante, o gesto e a expressão facial, e nesse caminho ainda percebe que o falante percebe o objeto ou o evento. Quando uma criança faz uso da sentença, existe ainda um perceber do perceptivo, este é formado a partir da “empatia”, considerada como instintiva³⁴.

Por conseguinte, se o objetivo é procurar simplesmente compreender o elo entre observação e ciência, será de bom critério empregar qualquer informação disponível, inclusive a que é oferecida pela ciência mesma, cujo elo com a observação procura-se compreender³⁵. Por isso, Quine afirma que o significado que importa para a linguagem é o “significado empírico”, o qual é ligado a estímulos e comportamento observável. Segundo ele, uma criança aprende suas primeiras palavras e sentenças ouvindo-as e empregando-as na presença de estímulos apropriados. Assim, segundo Quine (EN, 1969, p.81), estes são externos e devem atuar tanto sobre a criança como sobre o locutor com quem ela está aprendendo a linguagem:

31 QUINE, 1996, p. 162.

32 O termo “holofrástico” é usado por Quine para qualificar a relação existente entre as sentenças de observação e as situações que causam o assentimento do falante, não estando assim comprometidos com um objeto. Dessa forma é possível estudar a aquisição e o uso de sentenças observacionais sem prejudicar os objetos, estando assim livres a especular sobre a natureza da reificação e sua utilidade para a teoria científica (PT, 1990, p. 08).

33 Um melhor esclarecimento sobre os “categóricos observacionais” se encontra no livro de Quine *From Stimulus to Science* (1995), no cap. IV, os quais são os pontos de verificação de uma teoria científica e é formado pela união de duas sentenças observacionais – combinação de um condicional observacional e o resultado observável em uma única sentença.

34 QUINE, 1995, p. 89.

35 Quine, 1969, p. 75–76.

A linguagem é socialmente inculcada e controlada. Inculcar e controlar depende estritamente da ajustagem das sentenças à estimulação compartilhada. Fatores internos podem variar ad libitum, sem prejuízo para a comunicação enquanto não for perturbada a ajustagem da linguagem aos estímulos externos. Decerto, enquanto se trata da própria teoria do significado linguístico, não se tem outra escolha além de ser um empirista.

Conclui-se assim, que as teorias proximal e distal devem ser feitas compatíveis, para então, entender a posição intermediária defendida por Quine. Este não concebe a linguagem como um “objeto” de estimulações na superfície sensorial, se assim o fizesse estaria confundindo referência com significado, o que este filósofo faz é usar estimulações em significados, principalmente no significado de sentenças observacionais, enquanto que a referência seria os corpos, relacionados com a teoria e assim, sujeitos a indeterminação da tradução³⁶. É possível dizer, como Quine, que a noção de observação é social e a definição comportamental se baseia em semelhanças entre stimulus meaning tomados em toda a comunidade³⁷.

BIBLIOGRAFIA

DAVIDSON, Donald. Meaning, Truth and Evidence. In: BARRETT, R.; GIBSON, R. Perspectives on Quine. Oxford: Blackwell, p. 68–79, 1990.

_____. The emergence of thought. Erkenntnis, 51, p. 7–17, 1999.

QUINE, W.V.O. Epistemology Naturalized. In: Ontological Relativity and Others Essays, New York: Columbia University Press, p. 69 – 90, 1969.

_____. From Stimulus to Science. Cambridge MA: Harvard University Press, 1995.

_____. Ontological Relativity and Other Essays. New York: Columbia University Press, 1969.

_____. Progress on Two Fronts. In: The Journal of Philosophy, v. XCIII, p. 159–163, 1996.

_____. Reply to Stroud, Midwest Studies in Philosophy 6, p. 473–475, 1981.

_____. The Pursuit of Truth. Cambridge MA: Harvard University Press, 1990.

_____. The Roots of Reference. La Salle, III: Open Court, 1974.

_____. Three Indeterminacies. In: BARRETT, R.; GIBSON, R. Perspectives on Quine.

36 Cf. QUINE, Replies to Stenius, 1969, p. 299.

37 Cf. QUINE, Word and Object, 1960.

Oxford: Blackwell, p. 01– 16, 1990.

_____. Word and Object. Cambridge, Mass: Technology Press of the Massachusetts Institute of Technology, 1960.